

2005

vestibular nacional
UNICAMP

2ª Fase

Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO

Este material apresenta a prova de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Vestibular Unicamp 2005, comentada pela banca elaboradora. Como em anos anteriores, esta prova procurou avaliar a relação do candidato com a linguagem em seus diversos aspectos. As questões de Língua Portuguesa enfocaram o trabalho de observação da linguagem, sobretudo no que diz respeito aos processos de significação e às diferentes possibilidades de formulação da escrita. As questões de Literatura, por sua vez, tiveram por objetivo a avaliação da leitura literária, assim como o conhecimento efetivo das obras que constam da lista divulgada previamente.

As questões são acompanhadas das respostas esperadas e também de dois exemplos de resoluções, sendo um com nota abaixo da média e outro com nota acima da média, de modo a oferecer ao candidato e professores parâmetros para um melhor entendimento dos critérios de correção em uma prova discursiva. Esperamos mostrar, com isso, que a correção, embora pautada em critérios pré-estabelecidos pela banca elaboradora, procura contemplar maneiras distintas de formular as respostas. O que consideramos importante ilustrar é que a grade proposta pela banca elaboradora não é definitiva, mas adaptada para incluir respostas que, embora adequadas aos objetivos propostos pelas questões, não foram inicialmente contempladas.

Esperamos, pois, que com este material, o candidato possa fazer uma análise da prova que não se restrinja aos seus aspectos superficiais, o que consideramos fundamental para uma preparação bem sucedida.



(Folha de S. Paulo, 11 de outubro de 2004).

1. Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.
 - a) Explícite as duas leituras possíveis e explique como se constrói cada uma delas.
 - b) Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

RESPOSTA ESPERADA

a) (3 pontos)

As duas leituras possíveis são:

- A comida, que é para gatos, tem pouca gordura. Nesse caso, 'com pouca gordura' é lido como complemento de 'comida'.
- A comida é para gatos que tenham pouca gordura. Nesse caso, 'com pouca gordura' é lido como complemento de 'gato'.

b) (2 pontos)

Primeira leitura: Comida, para gato, com pouca gordura ou Comida para gato, com pouca gordura. Nesses casos, a referência da expressão 'com pouca gordura' se estabelece com 'comida'.

Segunda leitura: Comida, para gato com pouca gordura. Nesse caso, a referência se estabelece com gato.

Essa questão ressalta as relações sintáticas como fundamentais para os processos de leitura e escrita. Esperava-se que o candidato observasse os processos sintáticos em jogo, demonstrando compreensão dos recursos de pontuação ao explicitá-los por meio de vírgulas.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

a) É possível ~~ser~~ interpretar que a comida tem pouca gordura ou que o gato tem pouca gordura. Essa dupla interpretação ocorre, pois a expressão "com pouca gordura" pode completar tanto "comida" como "gato".

b) Comida, para gato, com pouca gordura. Mostra que a comida tem pouca gordura.

Comida, para gato com pouca gordura. Mostra que o gato tem pouca gordura.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

A) UMA DAS POSSÍVEIS LEITURAS SERIA QUE GARFIELD NÃO VE O PORQUÊ DE SE COMER COMIDA COM POUCA GORDURA JÁ QUE SE CONSIDERA UM GATO ÚRSO. A SEGUNDA SERIA QUE ELE NO AUGE DA SUA MAGNITUDE NÃO SE CONSIDERA UM GATO. ESSAS DUAS POSSÍVEIS LEITURAS SERIAM REALIZADAS APENAS COM O USO CORRETO DE VÍRGULAS (,).

B) É POR ACASO, EU SOU UM GATO COM POUCA GORDURA?

É POR ACASO, EU SOU UM GATO, COM POUCA GORDURA?

COMENTÁRIOS

No item a da questão 1, esperava-se que o candidato reconhecesse e fizesse a distinção entre as duas leituras possíveis da tirinha: a comida ter pouca gordura ou o gato ter pouca gordura. Era necessário também explicar o motivo pelo qual essas duas leituras eram possíveis: o fato de a expressão "pouca gordura" poder estar relacionada tanto à comida quanto a gato. O candidato deveria ater-se ao que havia sido dito na tirinha e não tentar contextualizá-la, explicitando, por exemplo, quem é Garfield, que ele é comilão, que não se importa de ser gordo; ou que seu dono gostaria que Garfield fosse magro. Alguns candidatos optaram por explicar, com termos da gramática tradicional (sujeito, complemento nominal, predicativo), a relação entre "pouca gordura" e "gato" ou "comida", o que não era necessário, e acabaram usando termos incorretos. Vários candidatos fizeram uma leitura equivocada, a exemplo do que ocorre na resposta abaixo da média, ignorando "pouca gordura", como se Garfield estivesse se perguntando se era mesmo um gato ou não.

Já no item b, era necessário que o candidato discernisse uma leitura da outra usando vírgulas. Vide resposta esperada. É importante salientar que a questão solicitava apenas o uso de vírgulas, e não modificações na estrutura original da frase. Em outras palavras, não eram adequados o acréscimo de palavras, expressões (como no exemplo abaixo da média) ou ainda mudanças na ordem das palavras da sentença original.

2. Na primeira página da Folha de S. Paulo de 22 de outubro de 2004, encontramos uma seqüência de fotos acompanhada de uma legenda cujo título é: "A QUEDA DE FIDEL". No texto da legenda, o jornal explica: O ditador cubano, Fidel Castro, 78, se desequilibra e cai após discursar em praça de Santa Clara (Cuba), em evento transmitido ao vivo pela TV; logo depois, ele disse achar que havia quebrado o joelho e talvez um braço, mas que estava "inteiro"; mais tarde, o governo divulgou que Fidel fraturou o joelho esquerdo e teve fissura do braço direito.

- a) O que a leitura desse título provoca? Por quê?
 b) Proponha um outro título para a legenda. Justifique.

RESPOSTA ESPERADA

a) (3 pontos)

A leitura do título da legenda provoca no leitor uma reação ao jogo de sentidos entre 'destituição' e 'queda física'. A palavra 'queda', muito usada para indicar uma destituição política, nos remete, nessa legenda, à possibilidade da destituição de Fidel Castro, desde que o leitor conheça a situação do governo cubano. Ao mesmo tempo, 'queda' estabelece referência com as fotos, que mostram o ditador desequilibrando-se e caindo.

b) (2 pontos)

Nesta resposta, o candidato pode optar por manter o jogo de sentidos ou por buscar o sentido de queda física: "Fidel vai ao chão", "Fidel cai", "O tombo de Fidel", "O cambaleante ditador", "O desequilibrado governante", "O tropeço de Fidel", etc. Não apenas o sentido de destituição pode ser construído com o título, mas também o de erro, vacilação, gafe, etc. Era importante, nesse caso, que o candidato apresentasse uma justificativa que sustentasse o título escolhido e não ignorasse a queda física.

Esta questão salienta a importância da contextualização dos fatos nos processos de leitura e escrita. O título da legenda aponta para uma possibilidade diferente daquela significada nas imagens. Esperava-se que o candidato compreendesse que o jogo de sentidos entre 'destituição' e 'queda física' se dá porque uma memória política sobre a ditadura e a revolução cubana é mobilizada ao se falar sobre Fidel.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

a) A leitura deste título provoca ambigüidade, ou seja, obtêm-se duas interpretações. Pela o título "A queda de Fidel", como foi construída, pode-se obter uma interpretação que, de fato, aconteceu, ou seja, o "tropeço" do ditador que se desequilibrou e caiu. Outra interpretação, pode-se obter, num contexto político que Cuba está vivendo da ditadura, o título "A queda de Fidel" pode simbolizar a queda da ditadura em Cuba.

b) Outro título para a legenda: "Fidel cai e fatura joelhos". Este título não admite outra interpretação senão aquela que ocorreu.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

Ⓐ A LEITURA DO TEXTO, PROVOCA CONTRADIÇÕES. POIS FIDEL DIZ QUE PODERIA TOR QUEDADO A PERNA E O DEAPO MAS TAMBEM DISSE QUE ESTAVA INTEIRO. MESMO TODO MACHUCADO...

Ⓑ "FIDEL PELO ZOUO"

PO MESMO APÓS CAIR E SE MACHUCAR É QUASE SEM CONDIÇÕES DE DISCURSAR, FIDEL DISSE QUE ESTAVA INTEIRO E PEZ SEU DISCURSO.

COMENTÁRIOS

O item a da questão 2 solicitava que o candidato explicasse o que a leitura do título provoca e porquê. Esperava-se uma resposta que indicasse a ambigüidade do título, que deveria ser explicitada pelo candidato. Essa explicação deveria passar pelos diferentes usos da palavra “queda” no texto, que poderiam indicar tanto uma queda política (perda de poder) quanto uma queda física (que era o sentido a que se referia o texto). Uma resposta completa deveria indicar que o candidato conhece a situação política de Cuba e/ou apresenta generalizações do termo “queda” para indicar destituição de governos.

No item b, era necessário propor um outro título para acompanhar a legenda da foto, e esse título poderia ou não manter a ambigüidade do original. Várias eram as possibilidades: “Saindo de cena”, “O braço direito de Fidel nunca mais será o mesmo”, “O tropeço cubano”. A maioria dos candidatos optou por um título que eliminasse a dupla interpretação. Temos como exemplos: “Fidel sofre acidente e se machuca”, “Fidel fratura braço direito” e “Fidel cai e sofre ferimentos leves”. O que não poderia acontecer seria a incoerência entre o título proposto e sua justificativa. Muitos candidatos, por exemplo, que escolheram títulos mantendo a ambigüidade (“Fidel cai”, “A queda de Fidel”, etc), se equivocaram na justificativa. Também não foram considerados adequados títulos que não tivessem relação com queda física, uma vez que esse era o motivo da reportagem e a referência da foto: “A saúde de Fidel”, “O forte Fidel” ou “Precos de um povo sofrido”.

3. Foi no tempo em que a Bandeirantes recém-inaugurara suas novas instalações no Morumbi. Não havia transporte público até o nosso local de trabalho, e a direção da casa organizou um serviço com viaturas próprias. (...) Paraná era um dos motoristas. (...)

Numa das subidas para o Morumbi “fechou” sem nenhuma maldade um automóvel. O cidadão que o dirigia estava com os filhos, era diretor do São Paulo F.C., e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura. Logo depois que a perua chegou ao Morumbi, todo mundo de ponto batido, o automóvel pára em frente da porta dos funcionários, e o seu condutor desce bufando: “Onde está o motorista dessa perua? (e lá vinha chegando o Paraná). Você me ofendeu na frente dos meus filhos. Não tem o direito de agir dessa forma, me chamar do nome que me chamou. Vou falar ao João Saad, que é meu amigo!”

E o Paraná, já fuzilando, dedo em riste, tonitruou em seu sotaque mais que explícito: “Le” chamei e “le” chamo de novo... veado ... veado ...

Não houve reação da parte ofendida.

(Flávio Araújo, O rádio, o futebol e a vida. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 50-1).

a) Na seqüência “(...) e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura”, se trocarmos o ponto final que aparece depois de ‘Paraná’ por uma vírgula, ocorrem mudanças na leitura? Justifique.

b) O trecho da resposta de Paraná “Le chamei e le chamo de novo ...” chama a atenção do leitor para a sintaxe da língua. Explique.

c) Substitua ‘tonitruou’ por outra palavra ou expressão.

RESPOSTA ESPERADA

a) (2 pontos)

Nesta resposta, o candidato tanto poderia responder ‘sim’ quanto ‘não’, desde que a justificativa estivesse adequada. A referência a ‘Paraná’, estabelecida pelo ‘que’, não se altera com a troca pela vírgula. O que muda é a ênfase sobre a relação entre as duas frases e, conseqüentemente, o ritmo, a entonação. Ocorrem, portanto, mudanças prosódicas. A vírgula imprime continuidade entre as duas frases, ressaltando o sentido de causa e conseqüência entre “largou o verbo” e “respondeu à altura”, com menor ênfase sobre cada uma das ações afirmadas. O ponto final imprime maior independência entre essas ações, e também entre as personagens.

b) (2 pontos)

Esse trecho da resposta de Paraná chama a atenção para a sintaxe da língua pelo uso de ‘le’, não esperado segundo a norma gramatical padrão. A resposta de Paraná, pela

presença do pronome oblíquo, traz uma tentativa de estruturação formal, que fica em dessintonia com a substituição de 'lhe' por 'lê' e por sua colocação na frase.

c) (1 pontos)

'Esbravejou', 'gritou', 'trovejou' (entre outras). As substituições que se aproximaram mais do sentido de 'tonitruou' foram mais valorizadas, mas todas as substituições possíveis foram consideradas.

Esta questão chama a atenção para a importância de reflexões sobre a pontuação, a prosódia, a sintaxe e a sinonímia nos processos de leitura e escrita. No item a, há uma articulação entre a pontuação e a prosódia. Seria interessante que o candidato reconhecesse a importância da prosódia para a interpretação. Contudo, como já afirmado, não foram penalizados aqueles candidatos cujas respostas vieram pautadas por uma perspectiva mais referencial. No item b, esperava-se que o candidato refletisse sobre a norma padrão da língua, e que, ao mesmo tempo, considerasse a sintaxe como parte integrante do processo de leitura. O item c incide sobre a possibilidade de o candidato compreender o sentido de uma palavra mesmo que nunca a tenha encontrado anteriormente. As relações sinonímicas não se restringem à troca de uma palavra por outra, o que significa que esta questão não é de vocabulário, mas de leitura.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

- a) Não, se tocamos o ponto pela vírgula não haverá mudança na leitura porque ainda assim a frase "que respondeu à altura" continuará se referindo a uma ação de Paraná.
- b) A resposta de Paraná chama a atenção pois, ~~querendo~~ querendo falar mais bonito e difícil, o homem, ao invés de usar o coloquial "te" usa o "le", querendo dizer "lhe".
- c) Essa palavra pode ser substituída desse modo: "... deixo em risco, esbravejou em seu sotaque ..."

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

- a) Sim, ocorrem mudanças na leitura. Como em "largou o verbo em cima do pobre Paraná" o sujeito e verbo, se o ponto for substituído por vírgula, "que respondeu à altura" referiria ao "verbo" e não ao "Paraná". Para que não houvessem mudanças o sujeito deveria ser "Paraná".
- b) Quando o dever de dizer "me chamar de nome que me chamou" está fazendo uma construção errada em relação à colocação do pronome oblíquo. O correto seria: "chamar-me de nome que me chamou." Por isso, o perveio ridiculizava o dever de SP.F.C. dizendo "te chamar e te chama..."
- c) É o Paraná, já falando, deixo em risco, pronuncia ironicamente...

COMENTÁRIOS

No item a da questão 3, o candidato deveria responder se a troca de uma vírgula por um ponto traria diferenças ao trecho citado. Se o candidato escolhesse focar sua resposta no campo semântico, não encontraria diferenças de sentido, e deveria salientar que mesmo com a troca, o "que" ainda estaria se referindo a Paraná. Não era necessário usar termos

utilizados em análise sintática, embora muitos candidatos tenham optado por utilizá-los e o fizeram de maneira equivocada. Já se a opção fosse pelo campo prosódico, o candidato deveria perceber mudança na ênfase, no ritmo estabelecido no trecho. O uso do ponto traria interrupção entre as frases, dando maior independência às mesmas, o que não ocorreria com a vírgula, que estabelece uma continuidade.

No item b, o que se esperava era que o candidato percebesse que o “le” era uma tentativa de aproximação à norma padrão (“lhe”), como se houvesse uma tentativa de Paraná “igualar-se” ao seu interlocutor. Também era possível justificar a resposta fazendo referência à posição do “le” na frase pois, de acordo com as regras da norma padrão, um pronome oblíquo não deveria vir em início de frase. Foram consideradas equivocadas as respostas que consideraram o “le” como pertencente a outra língua (francês, espanhol, inglês), ou como uma mistura de “te” e “lhe” ou ainda como um erro de regência verbal, afirmando, incorretamente, que o verbo chamar só permite o objeto indireto como complemento.

O item c solicitava a substituição de “tonitruou” por outra palavra ou expressão. Esperavam-se substituições que mantivessem o sentido mais aproximado de “tonitruou”, tais como ‘esbravejou’, ‘vociferou’, ‘bradou’, etc. Vários candidatos tentaram explicar o trecho e acabaram se equivocando com termos como “pronunciou ironicamente”. Outras substituições, tais como ‘falou’, ‘respondeu’, ‘disse’, ‘retrucou’, ‘rebateu’, etc, embora possíveis no contexto, foram consideradas mais distantes do sentido original.

4. Em um jornal de circulação restrita, vemos, na capa, a seguinte chamada:

Inspire
saúde!
Sem fumar,
respire
aliviado!

No interior do Jornal, a matéria começa da seguinte forma: Desperte o não-fumante que há em você!, seguida logo adiante de O fumante passivo – aquele que não fuma, mas freqüenta ambientes poluídos pela fumaça do cigarro – também tem sua saúde prejudicada.

(Jornal da Cassi – Publicação da Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil, ano IX, n. 40, junho/julho de 2004).

Levando em consideração os trechos citados, observamos, na chamada da capa, um interessante jogo polissêmico.

a) Apresente dois sentidos de ‘Inspire’ em ‘Inspire saúde!’. Justifique.

b) Apresente dois sentidos de ‘aliviado’ em ‘respire aliviado!’. Justifique.

RESPOSTA ESPERADA

a) (3 pontos)

O candidato pode apontar para o sentido de “inalar/aspirar” e para o sentido de “provocar/ despertar inspiração”, e influenciar outra pessoa. Assim, parando de fumar, você inalará ar saudável e também poderá despertar nos outros a vontade de ser saudável.

b) (2 pontos)

O candidato pode apontar para o sentido de “alívio físico”, com o qual a pessoa respirará livremente, sem fumaça, sem tosse, sem pigarro, e para o sentido de “alívio emocional”, com o qual a pessoa terá tranquilidade quanto à sua saúde e à saúde daqueles que estão ao seu redor.

Esta questão mostra que a polissemia da língua é uma importante característica a ser observada e explorada na leitura e escrita de textos. Esperava-se que o candidato observasse como jogos polissêmicos ressaltam diferentes possibilidades de leitura, apontando para a língua como um instrumento não apenas de comunicação, mas de trabalho e exercício com os sentidos.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

a- A palavra "inspire" tem dois sentidos: o referente ao movimento respiratório, que sugere que o ar sem a fumaça do cigarro é mais saudável e o referente a "causar inspeção", que sugere que as pessoas deveriam parar de fumar para, assim, dar exemplo aos outros.

b- A palavra "aliviado", em "respire aliviado", apresenta duplo sentido: o de que, após a pessoa parar de fumar, sua respiração será bem mais fácil, e o de que, após deixar de fumar, a pessoa poderá respirar se sentir aliviado, já que não estará mais prejudicando os outros.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

a) Um dos sentidos é apresentado de forma demonstrativa: o ato de inspirar. O outro de forma constativa: inspirar saúde, manter-se saudável.

b) 'Aliviado' por poder respirar aliviado sendo um não fumante. E 'aliviado' por poder respirar aliviado não tendo fumaça de cigarro no ambiente.

COMENTÁRIOS

O item a da questão 4 solicitava que o candidato explicitasse dois sentidos de "Inspire". Em ambos era necessário fazer referência ao ato de fumar: inspirar fisicamente, inalar um ar mais puro sem o cigarro e inspirar os outros, dar exemplo ao parar de fumar. Esperava-se o uso de sinônimos (palavras ou expressões) que deixassem claro os dois sentidos, e não apenas a repetição da palavra "inspirar".

Para o item b, da mesma maneira que no item a, o candidato deveria apresentar dois sentidos para "aliviado". Novamente, a menção ao fumo era fundamental: um alívio físico, já que a respiração de um ex-fumante torna-se muito melhor, e um alívio moral: ao parar de fumar, a pessoa não se sentirá mais culpada por prejudicar a sua saúde e/ou a de outros. A explicação deveria ser clara a ponto de distinguir bem os dois sentidos. Muitos candidatos não souberam expressar-se de uma maneira adequada, o que tornou suas respostas ambíguas e redundantes; muitos deles apenas retomaram a palavra 'aliviado', sem deixar explícito se era um alívio físico ou emocional.

5. Em Angústia de Graciliano Ramos, encontramos seqüências instigantes:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo.

Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes.

(...)

Fomos morar na vila. Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra.

(Graciliano Ramos, *Angústia*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª.ed., 2003, p. 8-9 e 15).

- Que processos permitem as construções ‘preguiçando’ e ‘desasnar’ na língua?
- Se substituirmos ‘preguiçando’ por ‘descansando’ e ‘desasnar’ por ‘aprender’, observamos uma relação diferente com a poesia da língua. Explícite essa diferença.
- O uso de ‘desasnar’ pode nos remeter, entre outras palavras, a ‘desemburrecer’ e ‘desemburrar’.

No Dicionário Houaiss da língua portuguesa (ed. Objetiva, 2001), o verbete ‘desemburrar’ apresenta como acepções tanto ‘livrar-se da ignorância’, quanto ‘perder o enfezamento’, e marca sua etimologia como des + emburrar.

Seguindo nossa consulta, encontramos no verbete ‘emburrar’ o ano de 1647 que, segundo a Chave do Dicionário Houaiss, indica a “data em que [essa palavra] entrou no português”. A fonte dessa datação é a obra *Thesouro da lingua portuguesa* composta pelo Padre D. Bento Pereyra, publicada em Lisboa.

Embora ‘desemburrecer’ não apareça no dicionário, encontramos ‘emburrecer’, cuja entrada no português, segundo o Houaiss, data de 1998, atestada pela obra de Celso Pedro Luft *Dicionário prático de regência verbal*, publicada em São Paulo.

O verbete ‘desasnar’ data de 1713, atestado pela obra *Vocabulário portugueza e latino* de Rafael Bluteau, publicada em Coimbra-Lisboa.

Tendo em vista as observações acima apresentadas – a presença ou não desses verbetes no dicionário, as datas de entrada no português e as fontes que atestam essas entradas – o que se pode compreender sobre a relação entre o dicionário e a língua?

RESPOSTA ESPERADA

a) (1 ponto)

A língua permite que essas construções ocorram a partir de processos de derivação. Termos como analogia/comparação/cominação foram aceitos.

b) (2 pontos)

‘Preguiçando’ e ‘desasnar’ comparados a ‘descansando’ e ‘aprender’ nos remetem à força expressiva da língua e chamam a atenção para a forma significativa. Ficar ‘preguiçando’ marca o sentido de produzir preguiça, chamando a atenção para a própria sonoridade da palavra que se esgarça e alarga pelo gerúndio não usual. Já ‘ficar descansando’ marca o previsível, ressalta o trabalho e chama a atenção para um intervalo antes da retomada laboriosa. A palavra, em sua forma, passa desapercibida.

O mesmo se dá com ‘desasnar’ que, ao chamar a atenção para o fato de “deixar de ser asno”, ressalta o embrutecimento, a aspereza da animalidade que a palavra ‘asno’ marca. ‘Aprender’, tal como ‘descansando’, está dentro do previsível e reforça a significação já reiterada e sempre repetida.

c) (2 pontos)

A relação entre o dicionário e a língua indica que o dicionário, apenas imaginariamente, dá conta de cobrir todas as palavras que a língua ao mesmo tempo nos impõe e permite que se crie pelos diferentes processos já mencionados no item a. A força legitimadora do dicionário, reforçada pelas citações das fontes e datas, reafirma apenas alguns sentidos das palavras. Nesse processo, muitas questões não são discutidas, inclusive a relação colonizadora entre a língua portuguesa lusitana e a brasileira.

Esta questão, incidindo sobre a relação forma e conteúdo da língua, problematiza a leitura que só se preocupa com conteúdos. Ao chamar a atenção do candidato para aspectos mórficos dos verbos ‘preguiçando’ e ‘desasnar’, a questão pretende sensibilizá-lo para o fato de que a forma é parte integrante da significação. A questão procura ainda salientar o fato de que essas formas fazem parte de uma história da língua, marcada nos dicionários.

Além do uso do dicionário, motivado pela certificação da existência ou não de determinadas

palavras, de sua ortografia e acepção semântica, é importante que o candidato possa ver a possibilidade de estabelecer uma relação de leitura, entre palavras, no dicionário. Isso é proposto no item c, pela remissão a 'desemburrecer' e a 'desemburrar'. Esse outro tipo de leitura nos remete ao processo de dicionarização e questiona a estabilidade do léxico, ressaltando que todo dicionário é uma construção histórica.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

a) A construção "preguiçando" é possível através do processo de sufixação (prefixo "pre-" + sufixo "-ando" - gerúndio de verbos) para conferir ideia de ação; já o vocábulo "desasnar" é construído através de um processo de sufixação e sufixação parassintética (prefixo "des-" + "sno" + sufixo "-r").

b) Nesse caso a substituição provoca a perda da inflexão daqueles aspectos requeridos pelo autor. Por exemplo "preguiçando" ressalta muito mais o valor depreciativo da preguiça que em "desasnarando" fica implícito, atenuado. O mesmo ocorre com "desasnar" no qual a falta de inflexão torna-se muito mais evidente e agressiva do que em "aprender" simplesmente.

c) A língua é a maior responsável pela inovação nos vocábulos, que integram o processo de comunicação. A função do dicionário é, desse modo, registrar o significado dessas inovações então incorporadas oficialmente no idioma, seja por seu uso frequente ou através de uma obra literária.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

a) A linguagem informal apresentada no livro, a construção de novas palavras: o pleonasmismo.

b) A diferença se daria ao fato de que o livro, por ter uma linguagem informal não aceitaria tais termos tão bem quanto os termos originais do fragmento.

c) Compreende-se que o dicionário explica a língua, ou seja, as palavras mas nem sempre, dizemos algo que a interpretação do dicionário é a interpretação correta, ou seja, o sentido é totalmente diferente daquele apresentado no dicionário.

COMENTÁRIOS

O item a pedia a identificação dos processos que permitiam as construções "preguiçando" e "desasnar". Não era necessário que o candidato utilizasse metalinguagem, mas sim que fosse capaz de explicitar os processos, entendendo que se tratavam de comparações e combinações de palavras. Era possível nomear tais processos ou explicá-los, sem utilizar um termo específico. Entretanto, a partir do momento em que o candidato optasse por termos gramaticais para nomear os processos – como muitos o fizeram, de fato –, sua resposta deveria usar uma terminologia correta. Assim, era adequado usar termos como derivação sufixal e derivação parassintética, respectivamente, mas não derivação imprópria, hibridismo, coloquialismo e outros que se apresentaram. É importante também

notar que o candidato poderia escolher entre um termo que se referisse a um processo mais amplo para as duas palavras – derivação, combinação, por exemplo – ou explicar separadamente os dois processos. Nesse caso, seria necessário dizer que, enquanto “preguiçando” recebia o sufixo – ar, “desasnar” recebia prefixo e sufixo, e que ambos se tornaram verbos. Já o item b pedia explicações sobre as substituições sugeridas. Alguns candidatos deixaram-se impressionar pela expressão “poesia da língua” e ficaram presos a explicações literárias e poéticas. Outros limitaram suas respostas a explicações que passavam pela informalidade, oralidade, regionalismo, o que não foi considerado adequado. Era necessário perceber que a substituição acarretaria uma perda expressiva, já que os termos “descansando” e “aprender” não têm a mesma sonoridade e nem a mesma carga semântica dos termos originais. A resposta era considerada completa quando comparava os pares de termos e os distinguia. Assim, enquanto “preguiçando” enfatizava a questão da preguiça, do não fazer nada, “descansando” remetia ao cansaço, a alguém que tinha feito algo e por isso estava agora descansando. Já “desasnar” trazia muito forte a questão do ‘asno’, de ser um esforço o ato de deixar de ser asno, força que se perde em “aprender”, em que a questão da burrice não está explícita.

O item c, a partir do texto fornecido, buscava as relações entre o dicionário e a língua. É necessário ressaltar que muitas relações seriam possíveis, desde que apoiadas pelo texto. Esperava-se que o candidato percebesse, fundamentalmente, que o dicionário não abarca todas as palavras de uma língua, mas é quem as legitima. Outras respostas possíveis foram as que fizeram referência ao fato de que a língua muda com o tempo, o dicionário incorpora essas mudanças, não há relação entre o uso das palavras e sua entrada nos dicionários, etc. Outro ponto importante era não centrar a resposta apenas na língua falada, já que o texto tratava de fontes escritas.

6. Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal “Outras Idéias” escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer “nosotros” em vez de apenas “we”, “nous”, “nós”, afastando a arrogante postura do “nós” de um lado e do “vocês” do outro. Pode parecer pouco, mas “nós” é quase barreira que separa, enquanto “nosotros” exige perceber uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!

(Mario Sergio Cortella, Folha de S.Paulo, 9 de outubro de 2003).

O texto acima nos faz pensar na distinção entre um ‘nós’ inclusivo e um ‘nós’ excludente.

a) Segundo o excerto, ‘nosotros’ apresenta um sentido inclusivo. Justifique pela morfologia dessa palavra.

b) “Nós brasileiros falamos português” apresenta um ‘nós’ excludente. Explique.

RESPOSTA ESPERADA

a) (2 pontos)

Segundo o excerto, ‘nosotros’ apresenta um sentido inclusivo atestado em sua composição, pois não é possível dizer ‘nós’ sem dizer ‘outros’. Essa injunção morfológica da língua coloca sempre em pauta a diferença como alteridade necessária e não como oposição e recusa na relação entre falantes de uma mesma língua e falantes de línguas diferentes.

b) (3 pontos)

O ‘nós’ é excludente, por um lado, porque separa os brasileiros de todos os cidadãos de outras nacionalidades. Por outro lado, no que diz respeito à nação brasileira, o ‘nós’ é excludente porque nem todo brasileiro fala a língua portuguesa. Pela afirmação do item b, quem não fala a língua portuguesa deixa de ser brasileiro. Nesse caso, em sua resposta,

o candidato pode explicar a relação excludente tanto pela palavra 'brasileiros', quanto pela palavra 'português'. "Nós brasileiros" afirma a unidade do povo, apagando sua heterogeneidade. "Falamos português" também forja uma unidade de língua que não corresponde ao conjunto complexo dos diferentes falares presentes no Brasil.

Esta questão ressalta o processo de interlocução como fundamental na relação dos falantes com a língua, apontando para o poder envolvido nessa relação. A discussão dos pronomes, trazida pelo autor, coloca em questão a hegemonia lingüística: respeitar a língua do outro significa considerar, mesmo nas pequenas diferenças lexicais, outras maneiras de interpretar o mundo. O item b, ao permitir ao candidato pensar sobre a unidade da língua e do povo também como uma questão interna ao Brasil, traz para a pauta de discussões a política lingüística. É importante que o candidato possa olhar para a língua como um conjunto de diferenças, para que perceba que a reflexão e o trabalho sobre esta, em seus diversos níveis de análise, implica, necessariamente, políticas de língua.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

- a) Através da morfologia da palavra "nos outros", pode-se observar que resulta da união da palavra "nós" com a palavra "outros" tendo um sentido inclusivo, porque a união dessas duas palavras demonstra que não existe "outros" (pessoas diferentes de nós) porque nós mesmos somos os outros, quando se fala de que todos fazem parte de um todo, de uma união.
- b) Na frase "nós brasileiros falamos português" é um "nós" excludente, pois está especificamente falando sobre os brasileiros e não de todos os povos do mundo, ou até mesmo dos portugueses que também falam português e foram excluídos da frase.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

- a) Pela morfologia o fragmento "e outros" de "nos outros" dá uma sensação de inclusão dos outros quando estamos falando de nós.
- b) Este "nós" excludente é usado pois nós "brasileiros" somos o único povo da América que tem o idioma português.

COMENTÁRIOS

No item a da questão 6, esperava-se que o candidato justificasse o sentido inclusivo da palavra "nos outros". Como a explicação deveria partir da morfologia, era fundamental que o candidato reconhecesse tratar-se de "nós" mais "outros". A partir daí, para uma resposta acima da média, o candidato deveria mostrar que não se trata apenas de uma junção morfológica, mas que implica a inclusão do "outro" no grupo do "nós" e que tal inclusão torna o outro igual a nós, sem fazer diferenças.

Já em b, em contrapartida, pedia-se a explicação do sentido excludente de "nós" na frase dada. Muitos candidatos ficaram presos ao texto anterior, esqueceram-se da frase fornecida e deram explicações que passavam pelas relações entre América Latina, a influência dos EUA, estrangeirismos, o fato do Brasil ser o único país latino-americano a falar português, etc. Nenhuma dessas afirmações dava conta do que havia sido realmente perguntado. Uma outra explicação equivocada bastante recorrente, ocasionada, provavelmente, por um problema de leitura, foi aquela em que o "nós" excluía a possibilidade de outros falarem português, ou seja, que apenas os brasileiros falavam português. A frase apenas apontava para o fato de que, dentre todas as pessoas que podiam falar português, somente o grupo dos brasileiros estava sendo citado, daí o sentido excludente de "nós". Essa afirmação não tira a possibilidade de outros povos falarem o português; apenas não se refere a eles. O candidato poderia apontar para a exclusão dos outros povos que falam outras línguas e uma resposta completa seria aquela que demonstrasse que a frase exclui outros povos que também falam português, ou ainda, os próprios brasileiros que

não falam português (como os indígenas, por exemplo). Outras explicações equivocadas prenderam-se à função dêitica do 'nós', restringindo-se à explicação de que 'nós' era excludente pois referia-se apenas ao falante e aos seus ouvintes.

7. Leia o seguinte trecho do conto "O enfermeiro":

Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?"

(Machado de Assis, "Várias Histórias", em *Obra Completa*, v. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 532).

- a) A qual episódio do conto essa citação bíblica remete?
- b) O que leva o narrador a relacionar o episódio narrado com a citação bíblica?
- c) De que modo o desfecho do conto revela uma outra faceta do narrador-personagem?

RESPOSTA ESPERADA

a) (1 ponto)

A citação bíblica utilizada por Machado de Assis remetia ao episódio da luta travada entre o enfermeiro, Procópio José Gomes Valongo, e o Coronel Felisberto, a que se seguiu a morte deste, esganado pelo enfermeiro, depois que este foi atingido na cabeça com uma moringa. A citação ocorre no momento em que o enfermeiro volta ao quarto do Coronel para limpar os vestígios do crime, após passar a noite em claro, refletindo, pensando, delirando.

b) (2 pontos)

O narrador estabelece a relação com a passagem bíblica na qual Caim mata seu irmão Abel. Através da citação, o narrador insinua que talvez o enfermeiro se sentisse culpado ou tivesse remorso pelo crime cometido involuntariamente. Como no episódio da morte de Abel, o sentimento de culpa pela morte causada ao próximo está assinalado no uso da citação bíblica.

c) (2 pontos)

O desfecho do conto revela, em primeiro lugar, que o episódio da "luta" pode não ter sido uma fatalidade que resultou na morte acidental do Coronel, mas, pelo contrário, um crime intencional, premeditado, com vistas a receber ou se beneficiar da fortuna do falecido. Isso se evidencia no desfecho, a partir do comportamento do narrador-personagem, que recebe a herança mostrando humildade e afirma que irá destiná-la à caridade, o que não se confirma na medida em que ele investe em títulos e acumula o capital recebido. Outro sinal de ironia em relação ao comportamento inicial do protagonista, que indica o amortecimento de sua culpa e do medo de ser incriminado, está no seu propósito de edificar um túmulo em memória do Coronel. Dirigindo-se ao leitor, o narrador propõe que este lhe faça o mesmo e escreva um epitáfio corrigindo o sermão da montanha, para enaltecer a importância da riqueza como uma condição para o recebimento do consolo eterno. Esse final revela a forte valorização do dinheiro e, portanto, o interesse pecuniário do enfermeiro, em vez do remorso e da culpa.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

- a-) A citação bíblica remete ao episódio em que o enfermeiro mata o "velho" de que cuida e se arrepende logo após o assassinato.
- b-) O narrador relaciona o episódio narrado com a citação bíblica pelo fato de enfermeiro, arrependido, a princípio, do assassinato que cometeu, tendo um sentimento de culpa e recusar a herança assim como Deus recusou Caim. Sua consciência estava acusando-o.
- c-) O desfecho do conto nos mostra que o enfermeiro, depois de passar de muitas penas que o idoso de quem cuidava era uma pena muito ruim, perdeu o sentimento de culpa, não querendo mais doar a herança que o idoso lhe deixara, e para não se arquear de assassinato e pensar em como gastar o dinheiro mostra assim, a outra faceta do narrador - pecuniário, não mais arrependido, mas um avaro egoísta, pensando em como gastar toda a herança.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

- a) Ao assassinato de Abel por Caim, seu irmão.
b) O fato de o narrador ter matado seu paciente, que havia deixado toda sua herança a ele, em um ato de gratificação e amizade. Assim, como há uma grande dedicação sentimental da vítima para o aguilhão, e mesmo assim o crime é cometido, o narrador relaciona o episódio com a citação bíblica.
c) No desfecho, o narrador-personagem, sabendo da herança que havia sido deixada para ele, entra em crise, arrependendo-se do assassinato e, em seu leito, muito doente, confessa o acontecido, molhando outra festa, a do arrependimento, da humildade de admitir os erros e a compaixão por aquele que ele ~~matou~~ assassinou.

COMENTÁRIOS

Na questão 7, exigia-se do candidato dois níveis de leitura: um mais pontual, em que se esperava identificação do trecho citado na apresentação da questão com o momento do texto em que o narrador volta ao quarto do coronel, depois de tê-lo matado; e outro, em que se exigia uma leitura mais global em que se esperava que o candidato evidenciasse como se revela uma outra faceta do narrador-personagem, tendo recebido a herança do seu antigo paciente. No item a, o candidato deveria perceber que a citação bíblica a que o item faz referência “Caim, que fizeste de teu irmão” remete ao episódio em que o narrador-personagem mata seu paciente e se vê diante do ato terrível que cometera. Aqui não bastava o candidato referir-se ao episódio bíblico do assassinato de Abel por Caim, uma vez que a pergunta claramente fazia referência ao episódio do conto. No item b, esperava-se que o candidato estabelecesse a relação comparativa entre o episódio do assassinato do coronel pelo enfermeiro e a citação bíblica, quando Caim mata seu irmão Abel. Através da citação, o narrador insinua que talvez o enfermeiro se sentisse culpado ou tivesse remorso pelo crime cometido involuntariamente. Não bastava que o candidato descrevesse o episódio bíblico, fazendo referência apenas à traição de Caim. Era preciso evidenciar o sentimento de apreensão e culpa do enfermeiro, em face do ato terrível que cometera, enfatizando, portanto, o ponto em comum entre o episódio do conto e a citação bíblica. No item c, esperava-se que o candidato percebesse e evidenciasse que o final do conto contraria ou ameniza o comportamento inicial de remorso e arrependimento do enfermeiro, revelando uma faceta interesseira e ambiciosa com relação ao dinheiro da herança recebida.

8. Leia o poema abaixo, de Manuel António Pina, importante nome da lírica portuguesa contemporânea:

AGORA É

Agora é diferente
Tenho o teu nome o teu cheiro
A minha roupa de repente
ficou com o teu cheiro

Agora estamos misturados
No meio de nós já não cabe o amor
Já não arranjamos
lugar para o amor

Já não arranjamos vagar
para o amor agora
isto vai devagar
Isto agora demora

(Manuel António Pina, Poesia Reunida (1974-2001). Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 49).

- O poema trata de uma transformação. Explique-a.
- Que palavra marca essa transformação?
- Qual a diferença introduzida por essa transformação no tratamento convencional dado ao tema?

RESPOSTA ESPERADA

a) (2 pontos)

O poema apresenta a transformação do sentimento amoroso, desde o momento inicial em que se dá a união desejada e o convívio íntimo entre os amantes, passando ao desgaste da relação causado pela rotina, onde não há mais espaço sequer para o cultivo do próprio amor, até o momento final, quando a relação se prolonga ou se arrasta tediosamente para além do limite do suportável. Como era de se esperar, a relação amorosa parecia, ao eu lírico, em princípio, ser diferente das demais, mas acabou tendo o destino de todas as outras.

b) (1 ponto)

A palavra 'agora'. Embora indique momentos distintos da relação amorosa, o advérbio é empregado para se referir igualmente a todos, porque eles são sempre retratados no momento presente. Obviamente, os significados podem ser diferentes. Assim, na primeira estrofe, o 'agora' designa a própria relação amorosa em questão, que parece se dar, supostamente, de maneira diferente das outras vezes. Na segunda, ele indica o momento da união ou fusão ('mistura') dos amantes e, finalmente, na terceira, o momento em que a relação já se desgastou completamente e se arrasta de modo insustentável, como bem demonstra a rima entre 'agora' e 'demora'.

c) (2 pontos)

O poema contraria certa visão convencional que tende à idealização do amor, geralmente ainda não consumado, marcada pelo desejo de união dos amantes de modo pleno e perene. No poema de Pina, a fusão já ocorreu, como bem demonstra a ênfase na idéia da 'mistura'. Entretanto, ao contrário do sentimento de plenitude, o poeta sujeita o amor à ação do tempo, do desgaste e à rotina e, conseqüentemente, ao tédio. É uma visão bastante irônica do amor.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

- O poema trata da mudança de sentimentos entre o eu lírico e o destinatário do poema. Embora rima juntos, não há amor, o amor havia se perdido para o cotidiano em comum, e que se cumpriria com o verso "no mais de nós já não vale o amor".
- A palavra "agora" marca a transformação, pois divide a ação em dois períodos: antes e com amor, agora e sem amor. A palavra "já" provoca o mesmo efeito.
- O amor, na poesia principalmente, é tratado de forma romântica e idealizada. No poema de Manuel António Pina é diferente; esse sentimento é descrito como desgastado por um cotidiano, sem idealizações; o amor é um sentimento que existiu em um período passado, mas agora não existe mais.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

a) A transformação é de uma relação amorosa para uma relação espiritual, algo que tira a vida das duas pessoas, como se o ciclo das duas pessoas agora visse um novo, ou seja, uma relação diferente da anterior.

b) A palavra que marca essa transformação é "diferente".

c) A diferença que o eu-lírico deixa perceber não se satisfaz somente com o amor da outra pessoa. Ele quer mais do que o amor, ele quer uma relação espiritualizada. Essa relação difere da convencional que o eu-lírico geralmente busca e ama.

COMENTÁRIOS

Na questão 8, esperava-se que, no item a, não só fosse identificada a transformação do sentimento amoroso como sendo o tema do poema, bem como fosse explicado que essa transformação era marcada pelo desejo de união inicial e posterior desgaste causado pela rotina. Não se tratava, como uma parcela significativa de candidatos considerou, da transformação do amor romântico e/ou espiritual em amor carnal. No item b, o candidato deveria perceber que é a palavra AGORA que marca a transformação referida tanto no título quanto nas três estrofes do poema. No item c, exigia-se do candidato a capacidade de comparar o tratamento dado à temática do amor no poema com a maneira como essa é convencionalmente tratada na literatura em geral. Esperava-se, portanto, que o candidato confirmasse a diferença de tratamento temático, explicando que, ao recusar a idealização (o amor tratado no horizonte de plenitude e de eternidade), o autor sujeita o amor à ação do tempo e da rotina. Quando ocorre a união dos amantes, o amor cai na mesmice e isso, na concepção apresentada no poema, é o fim do amor.

9. Leia a seguinte passagem do conto "A sociedade":

O esperado grito do cláxon fechou o livro de Henri Ardel e trouxe Teresa Rita do escritório para o terraço.

O Lancia passou como quem não quer. Quase parando. A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino. Uiiiiia-uiiiiia! Adriano Melli calçou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Veio voltando. Passou de novo. Continuou. Mais duzentos metros. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a Rua da Liberdade. Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiiia-uiiiiia!

(Antônio de Alcântara Machado, Brás, Bexiga e Barra Funda, em *Novelas Paulistas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 25).

a) No trecho acima, a linguagem e as imagens apontam para a influência das vanguardas no primeiro momento modernista. Selecione dois exemplos e comente-os.

b) O título refere-se a mais de uma sociedade presente no conto. Quais são elas?

RESPOSTA ESPERADA

a) (3 pontos)

Nessa passagem, a influência das vanguardas pode ser observada na imagem do automóvel, associada à modernidade da técnica e celebrada, sobretudo, pelos futuristas italianos. Ligados ainda à vanguarda futurista, temos, no plano da linguagem, a presença de figuras como as onomatopéias (uiiiiia-uiiiiia!) e as prosopopéias ou personificações ("o esperado grito do cláxon"; "O Lancia passou como quem não quer"), enquanto no plano da sintaxe, a opção por períodos simples, muito curtos, que conferem agilidade à narração como forma de mimetizar a velocidade e os movimentos das curvas e da aceleração do automóvel diante do terraço da casa da moça, enquanto o motorista galante se exhibe para ela e a corteja. Vale notar a utilização de recursos cinematográficos na composição da cena narrada.

b) (2 pontos)

O título alude à sociedade no sentido de agrupamento social, de organização de um coletivo maior, entendido nesse particular como sendo a sociedade paulistana dos anos 1920, que surge como pano de fundo das ações narradas no conto. Além disso, a 'sociedade' alude tanto ao casamento de Adriano e Teresa Rita, quanto à sociedade comercial realizada entre seus pais. Na verdade, o casamento dos filhos é uma forma de selar a sociedade comercial dos pais.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

A) "O denário passou como quem não quer. Quase parado". Esse trecho mostra uma influência das vanguardas, em especial o futurismo, por situar os automóveis, um denário no caso, que não tem a mal de meter o pé no acelerador, avanço de que o futuro não chegaria. Todo o livro de enal a utilização tal conto é um conto futurista de todos elementos da me d'arte de do como corer e bondes. Outro trecho: "na primeira exigência fez a curva. Vius no fundo. Porquê de meus. continuado." Esse trecho exemplifica bem o cubismo, em que os cenos, imagine pais divergen- todos, prececa, direção, porém que fuma il os let-ten a, construção do acontecimento, de forma mais ra pido. Uma linguagem religioso, que disto ca o cu- bismo.

B) Uma sociedade é entre os pais das personagens que aparecem na obra, em que o pai de Teresa en- fia com um japonês que ele possui e o pai de Adriano, italiano burguês rico, entruia com em ce- ntral para construção do conto por ser uma emacia da família. Outra sociedade é o casamento de Teresa Rita com Adriano, mãe, que se e "permi- tido pelo pai da menina, após a primeira soci- sado".

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

a) "O espírito vivo de Adrien Richa e logo de Henri Adol. L'aque sera Rita de montrose para o terrage", onde oena de tudo o estrangeiro e exalta
 ↳ racional

b) As sociedades presentes no conto são a japonesa, a italiana, a brasileira, a inglesa.

COMENTÁRIOS

Pode-se dizer que a questão 9 apresenta dois planos: 1. o primeiro, mais geral, que relaciona o conto, sua linguagem e imagens com as vanguardas do primeiro momento modernista (futurismo, cubismo, cinema); e 2. um mais específico, abordando a centralidade do conto que diz respeito à "sociedade", tanto à sociedade paulistana dos anos 20 quanto à sociedade comercial entre os pais de Adriano e de Maria Rita. Assim é que, no item a, os exemplos indicados pelo candidato deveriam evidenciar a influência das vanguardas já referidas, tanto no plano da linguagem (por exemplo, uso de metonímias, prosopopéias, personificações) quanto no plano das imagens (exaltação da máquina, recurso cinematográfico, por meio de sínteses, justaposições, recortes). Seguindo as instruções da prova, o candidato deveria, portanto, no item a, selecionar e transcrever dois exemplos do conto, explicando adequadamente suas relações com as vanguardas modernistas. No item b, esperava-se que o candidato percebesse que as sociedades

apresentadas no conto são: a sociedade paulistana dos anos 20 e a sociedade comercial entre as famílias de Adriano e Maria Rita. Ressalte-se que o conto se organiza em torno, precisamente, dessas duas sociedades. Muitos candidatos indicaram segmentos da sociedade paulistana da época (italianos, brasileiros, burgueses, etc.) como exemplos das sociedades presentes no texto. Essa interpretação não é satisfatória, pois esses segmentos dizem respeito a apenas um dos sentidos pedidos na prova e deixa de lado o outro sentido, o da sociedade comercial.

10. Leia os diálogos abaixo da peça “O Velho da Horta” de Gil Vicente:

(Mocinha) – Estás doente, ou que haveis?

(Velho) – Ai! não sei, desconsolado,
Que nasci desventurado.

(Mocinha) – Não choreis;
mais mal fadada vai aquela.

(Velho) – Quem?

(Mocinha) – Branca Gil.

(Velho) – Como?

(Mocinha) – Com cent’açoutes no lombo,
e uma corocha por capela*.

E ter mão;

leva tão bom coração,**

como se fosse em folia.

Ó que grandes que lhos dão!***

* (corocha) cobertura para a cabeça própria das alcoviteiras; (por capela) por grinalda.

** caminha tão corajosa

*** Ó que grandes açoites que lhe dão!

(Gil Vicente, O Velho da Horta, em Cleonice Berardinelli (org.), Antologia do Teatro de Gil Vicente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília, INL, 1984, p. 274).

a) A qual desventura refere-se o Velho neste diálogo com a Mocinha?

b) A que se deve o castigo imposto a Branca Gil?

c) Diante do castigo, Branca Gil adota uma atitude paradoxal. Por quê?

RESPOSTA ESPERADA

a) (1 ponto)

O desconsolo do Velho deve-se à paixão não correspondida por uma jovem moça, por quem acaba perdendo a cabeça e os bens, ludibriado por uma alcoviteira que prometeu interceder a seu favor junto à moça. Essa paixão é o objeto da sátira e da crítica moralizante do auto.

b) (2 pontos)

Os açoites recebidos por Branca Gil são o castigo pelo crime de lenocínio, alcovitice e ludíbrio. A personagem em questão é a alcoviteira que promete interceder a favor do Velho na conquista da moça por quem ele se mostra apaixonado. Na verdade, sua intenção é apenas a de ludibriar o Velho, extorquindo-lhe dinheiro e bens com a promessa de que conseguirá fazer com que a moça se apaixone por ele.

c) (2 pontos)

A contradição diz respeito ao fato de que, embora aprisionada e castigada em público, Branca Gil “leva tão bom coração” (isto é, “caminha tão corajosa”), “como se fosse em folia”. Essa atitude se justifica, em parte, pelo fato de não ser a primeira vez que a prisão e o castigo ocorrem. A personagem já se ‘habitua’ a isso. O castigo já se tornou rotina da personagem, que há muito vive na contravenção. Como ela mesma diz ao Alcaide que a prende, na cena anterior à do excerto acima: “Nunca havedes de acabar / de me prender e soltar? Não há poder ... [...] Está já a corocha aviada. /Três vezes fui já açoutada, / e enfim hei de viver”.

A atitude de Branca Gil está indicada também no tipo de capuz que lhe colocam no momento em que é presa. Gil Vicente utiliza um termo ambíguo que nos permite ver, de um lado, a identificação que era imposta às alcoviteiras e, de outro lado, o seu uso como uma espécie de adorno festivo, próprio das noivas.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

- a) O velho refere-se ao casamento da moça que tanto admirava e queria como sua amante. O velho interessou-se por uma moça muito jovem a qual foi a sua filha comprar hortaliças. Entretanto tal moça o tratava com desprezo, zombando de sua idade e ~~embora~~ tinha esperança de que essa aventura desse certo com a ajuda de uma alcoviteira. Logo, recebeu a notícia que a moça havia se casado.
- b) O castigo imposto a Branca Gil deve-se ao fato de por ser uma alcoviteira, pessoa que trata de amores proibidos, enganar seus clientes, tirando todos os seus para si como dinheiro e bens, ou quem erguem exigências pela alcoviteira em troca da consumação dos amores.
- c) Branca Gil mesmo estando presa e apanhando, age paradoxalmente, não se lastimando e chorando, pela situação na qual se encontra, mas corajosa, pois sabe que logo estará nas ruas podendo exercer sua profissão e ganhando muitos lucros ilegalmente, com isso, já que esta não era presa por tal crime, pela primeira vez, já havia cometido muitos outros.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

- A) O Velho refere-se a desventura de não ter conseguido encontrar nenhuma companheira, amante que lhe restasse até o momento.
- B) O castigo de Branca Gil deve-se a sua "desobediência" ao marido.
- C) Branca Gil age paradoxalmente porque tem a intenção de mostrar que o castigo lhe imposto pelo marido não lhe fez mal, na verdade, ela não quer mostrar que lhe foi imposto um castigo. Finge realizar por vontade própria.

COMENTÁRIOS

A questão 10 exigiu do candidato uma leitura geral do enredo da peça de Gil Vicente, sendo que o trecho citado na prova continha praticamente todos os elementos para que o item c fosse respondido com sucesso. No item a, esperava-se que o candidato percebesse que o desalento do Velho devia-se à paixão não correspondida pela Moça. Era aceitável que o candidato fizesse referência à desilusão amorosa e à perda dos bens pela alcoviteira. No item b, o candidato deveria identificar o crime de lenocínio (alcoviteira) tanto quanto a extorsão como sendo a causa dos açoites recebidos por Branca Gil. Não era suficiente, para receber a pontuação completa, que o candidato fizesse referência apenas, por exemplo, à extorsão ou correspondentes (estelionato, roubo, etc.). Essa referência foi

considerada muito genérica, uma vez que não esclarecia a situação a que o item fazia menção. No item c, esperava-se que o candidato percebesse a atitude paradoxal de Branca Gil. Aliás, o trecho citado na prova evidencia bem essa atitude: “com cent’açoutes no lombo,/ (...) E ter mão (caminhar corajosamente)”. O candidato deveria explicar que a atitude de Branca Gil devia-se ao fato de estar acostumada a ser presa e logo solta. Por isso ela, apesar dos açoutes, caminha em folia, o que, também, revela uma crítica de Gil Vicente à moral de sua época.

11. Leia o seguinte trecho extraído do romance *Angústia*:

Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? Naturalmente a fome antiga me enfraqueceu a memória. Lembro-me de vultos bisonhos que se arrastavam como bichos, remoendo pragas. Que fim teriam levado? Mortos nos hospitais, nas cadeias, debaixo dos bondes, nos rolos sangrentos das favelas. Alguns, raros, teriam conseguido, como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras favelas, desajeitados, ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. Teriam as suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só.

(Graciliano Ramos, *Angústia*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª.ed., 2003, p. 140-1).

a) No momento da narração, a posição social do narrador-personagem difere de sua condição de origem? Responda sim ou não e justifique.

b) Na citação acima, o termo ‘parafusos’ remete ao verbo ‘parafusar’ que, além do significado mais conhecido, também tem o sentido de ‘pensar’, ‘cismar’, ‘refletir’, ‘matutar’. Como esses dois sentidos podem ser relacionados ao modo de ser do narrador-personagem?

c) De que maneira o segundo sentido do verbo ‘parafusar’ está expresso na técnica narrativa de *Angústia*?

RESPOSTA ESPERADA

a) (1 ponto)

Sim. O status do narrador-personagem no presente da narração é muito diferente de sua condição de origem. Descende de antigos proprietários rurais, mas acaba empobrecido e reduzido à condição de pequeno-burguês, integrado ao funcionalismo público mais mal pago. No momento da narração, é um amanuense a serviço de um jornal do governo; também ‘vende’ artigos e poemas de sua autoria para poder complementar o orçamento de sua vida muito apertada.

b) (2 pontos)

Como ele mesmo diz, “era um parafuso na máquina do Estado”, indicando com isso sua condição insignificante no todo social em que se inscreve. A metáfora serve, por um lado, para retratar sua condição de inércia objetiva, sua incapacidade no agir. Por outro lado, a imobilidade objetiva, no plano da ação, contrasta vivamente com a grande mobilidade interior, de uma consciência atordoada, remoendo suas frustrações, torcendo-se e retorcendo-se com suas lembranças, angústias e insatisfações. É exatamente como o torcer e o retorcer do parafusar sobre um ponto fixo (sem sair do lugar).

c) (2 pontos)

O sentido de ‘pensar’, ‘cismar’, ao qual podemos relacionar o verbo ‘parafusar’ se reflete na narrativa memorialística, em primeira pessoa, justamente pelo uso tortuoso do fluxo de consciência, pela livre associação de idéias e lembranças empregadas nesse monólogo interior vertiginoso.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

a-) No momento da narração, a posição social do narrador difere de sua condição de origem. Em sua origem, Luís da Silva era filho de fazendeiros, mas os negócios da família estavam em decadência. Depois, com a morte do pai, ficou sozinho e arrastava-se pelo mundo, procurando fome. Já no momento da narração, Luís possui emprego no setor público, escrevendo artigos por encomenda, mas continua pobre.

b-) Parafuso, no sentido usual de peça, relaciona-se ao narrador-personagem quando ele diz "... como eu ... seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado", o que significa que apesar de fazer parte do funcionamento do Estado, ele é alguém insignificante, que não recebe atenção, na margem da sociedade. Já parafusar, no sentido de refletir, relaciona-se ao personagem quando ele diz "... suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltar num lugar só.", retratando o modo de Luís, que fica refletindo, refletindo e não evolui na vida.

c-) A técnica narrativa de consciência é o fluxo de consciência, uma forma de narrar que é caracterizada pelo verbo parafusar no sentido de refletir, já que retrata o interior da personagem e seus pensamentos.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

a) Um, pois com base nos requintes burocráticos do texto, se pode chegar a seguinte conclusão: "Onde andariam os outros vagabundos...?". O verbo andariam transmite a ideia de incerteza de uma ação que se estabelece no futuro, uma vez que o verbo foi conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo. Portanto, "... teriam conseguido, como eu, um emprego público?". Este trecho mostra a condição social do narrador-personagem, que é reforçada pela expressão como eu.

b) No sentido de "cismar", pode-se relacionar o estado com que Luís da Silva ficou ao cometer o assassinato, em quanto que no sentido de parafusar, se pode relacionar com o caso amargo de Júlia, Marjorie e Marina, uma vez que Luís da Silva estabeleceu relações entre o comportamento de Marina e Júlia com a gravidez e aborto de Marina.

c) O verbo "parafusar" deriva da palavra parafuso. Este substantivo tem a função de objeto de encoberto das outras palavras. Logo, a angústia é uma narrativa em círculo, ou seja, o leitor vai descobrindo a angústia do narrador com o decorrer da história. Ao terminar o livro o leitor poderá encasilar os fatos e entender a angústia de Luís da Silva.

COMENTÁRIOS

No item a, esperava-se que o candidato confirmasse a diferença entre a condição social do narrador-personagem no momento da narração (funcionário público pobre) daquela a que o momento narrado faz referência (neto de fazendeiro, filho de fazendeiros decadentes). Este item apresentou dificuldade para os candidatos, pois entenderam que o fato de o narrador ter um emprego no presente do momento narrado, representava que estava melhor que antes. De fato, era preciso observar que o narrador descende de antigos proprietários rurais, mas que acaba empobrecido e reduzido à condição de pequeno-burguês, integrado ao funcionalismo mal pago. Outro equívoco dos candidatos foi comparar a condição do narrador com a condição de outras pessoas ("outros vagabundos"); o candidato deveria comparar a condição do narrador no presente narrado com aquela de sua origem. No item b, tomando a citação extraída do romance Angústia, esperava-se que o candidato identificasse os dois sentidos do verbo "parafusar", a saber: 1. girar no mesmo lugar como uma peça insignificante na máquina do Estado; e 2. remoer, cismar em torno de lembranças e reflexões. E o relacionasse à obsessão da personagem, fixa numa única idéia ou lugar. No item c, o candidato deveria indicar como técnica narrativa o uso do fluxo de consciência, ou o memorialismo, ou o uso do tempo

psicológico ou o foco narrativo em primeira pessoa. Não bastava o candidato explicar o processo narrativo (pensamentos, digressões, cismas), sem indicar com precisão a técnica narrativa utilizada.

12. Leia este poema de Cecília Meireles:

Desenho

Traça a reta e a curva,
a quebrada e a sinuosa
Tudo é preciso.
De tudo viverás.

Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
Traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
Número, ritmo, distância, dimensão.
Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.

Construirás os labirintos impermanentes
que sucessivamente habitarás.

Todos os dias estás refazendo o teu desenho.
Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.

Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
Raramente, um pouco mais.

(Cecília Meireles, O estudante empírico, em Antonio Carlos Secchin (org.), Poesia Completa. Tomo II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 1455-56).

- Tanto o título quanto as imagens do poema remetem a um domínio do conhecimento humano. Que domínio é esse?
- Em que sentido são empregadas tais imagens no poema?
- Esse sentido acaba por ser contrariado ao longo do poema? Responda sim ou não e justifique.

RESPOSTA ESPERADA

a) (1 ponto)

Tanto o título quanto as imagens do poema remetem à geometria e ao desenho geométrico (matemática), muito aplicados aos projetos de arquitetura e engenharia.

b) (2 pontos)

Tais imagens associadas ao desenho remetem à concepção da vida como projeto construído, racionalmente planejado. O poema sugere que o homem age ilusoriamente como se tivesse domínio, controle sobre sua vida.

c) (2 pontos)

Sim. Desde a segunda estrofe, vemos o quão ilusória e incerta é essa atitude racional, uma vez que, de acordo com a metáfora, as perspectivas e as estruturas são traçadas e projetadas sem esquadro, sem nível e sem fio de prumo, demonstrando, assim, que o projeto de vida tende à incerteza e ao fracasso ou à frustração. Na estrofe seguinte, a menção aos 'labirintos impermanentes' reiteram a idéia da perda de referência e transitoriedade da vida, contrariando o que havia sido planejado. A última estrofe confirma a tendência ao fracasso, na medida em que afirma o quão distante geralmente estamos daquilo que planejamos ou pretendemos ser e fazer. Trata-se, sem dúvida

alguma, de uma visão bastante pessimista da existência. Deve-se, entretanto, considerar que, embora reconheça o fracasso do projeto da vida e de toda tentativa de mantê-la sob domínio e controle, a autora não deixa de reconhecer que a existência compreende mesmo esse constante fazer e refazer de projetos.

EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

- a) O domínio do conhecimento humano que tanto o título quanto as imagens do poema remetem à geometria, o desenho geométrico.
- b) As imagens do poema são empregadas no sentido de que o desenho deve ser feito de modo preciso, com exatidão, com apurado rigor, assim como deve ser a nossa própria vida. Deve-se planejar a vida, traçar perspectivas e fazer projetos da vida.
- c) Sim, esse sentido acaba se contrariando ao longo do poema, como se pode observar nos trechos " todos os dias estou refazendo o meu desenho", "meu trabalho para a toda vida", "nem para o teu sepulcro teras a medida certa". Assim, o sentido de que a vida deve ser toda planejada e contrariando, já que no final sugere-se que "nem para o teu sepulcro hária medida certa", que a vida nem sempre ocorre como planejamos as coisas.

EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

- a) ao domínio da racionalizar, de conhecer os limites, saber o que é de próprio.
- b) As imagens estão empregadas em sentido positivo, planejada.
- c) Sim, principalmente pelos dois últimos versos do poema.

COMENTÁRIOS

No item a, esperava-se que o candidato apontasse a geometria (desenho geométrico) como o domínio específico do conhecimento para o qual as imagens do poema remetem. De forma mais geral, aceitava-se que se fizesse referência à matemática, à arquitetura, à engenharia ou ao domínio da técnica, da construção. Não foram aceitas respostas que indicaram o desenho (desenho artístico) como domínio de conhecimento. No item b, esperava-se que o candidato relacionasse as imagens do poema, associadas à arquitetura e engenharia, ao projeto de construção matemática, precisa e racional da vida. Todavia, não bastava afirmar que as metáforas se relacionavam à vida; era preciso explicitar que se relacionam a uma concepção racional da vida. Esse aspecto de precisão é essencial para a resposta do item c. Nesse caso, esperava-se que o candidato percebesse que o poema contrapõe a noção de construção racional da vida à constatação de que a existência implica um constante fazer e refazer de projetos. Portanto, o sentido de exatidão expresso no item b (ao qual a pergunta faz referência) é contrariado ao longo do poema. Não era suficiente que o candidato apenas transcrevesse um trecho do poema que evidenciasse a contradição da noção de construção racional da vida. Ele teria, também, que justificar adequadamente a contraposição entre o projeto racional e a impossibilidade de exatidão, de perfeição.